

Um Breve Olhar Sobre a Mulher Nikkei na Imigração

Ana Carla Cravo¹
André Luis Ramos Soares²

Resumo

A mulher japonesa foi vista de diferentes maneiras ao longo de sua história e resultou num ideal que até os dias de hoje permanecem vigentes, principalmente na mulher migrada após a 2ª guerra, que manteve os costumes de sua terra natal antes da influencia norte-americana durante a ocupação. Do ponto de vista ocidental, a mulher Nikkei é submissa ao seu marido e reserva para si todas as atividades domésticas e a educação de seus filhos. Possui a principal função de manter os costumes japoneses dentro do lar e ensiná-los aos filhos. Entender este processo é compreender a dinâmica das relações sociais desta cultura distinta.

Palavras-chave: Gênero, mulher japonesa, mulher Nikkei, imigração.

Introdução

O projeto “Resgate da História e Valorização da Memória das Famílias Japonesas em Santa Maria, RS: 1958-2008” tem como proposta promover o resgate e a valorização da história da imigração nipônica em Santa Maria. Justifica-se pelo fato de haver uma lacuna em aberto na história da sua vinda para o Estado e para a cidade, como migração sistemática de japoneses que, embalados pela promessa de enriquecimento fácil e rápido, chegam à cidade com a ajuda de seus conterrâneos de São Paulo, para fazerem fortuna e retornarem ao seu país. Oriundos da província de Kumamoto, as famílias (pois as pessoas chegaram em famílias, sendo poucos autorizados sem grupo familiar) são deslocadas para a Fazenda do ex-embaixador João Batista Luzardo, para o plantio de arroz irrigado. A quebra de contrato na fazenda de Uruguaiana, associado à má colheita de arroz, fez com que estes colonos fossem transferidos para Santa Maria. Assim, começa a história de 20 famílias, das quais 13 ainda residem na cidade, mas são praticamente invisíveis em seus hábitos culturais, religiosos ou lingüísticos. (SOARES; GAUDIOSO, 2008) A continuidade

¹ Acadêmica III semestre do curso de História na UFSM, estagiária do Núcleo de Estudos do Patrimônio e Memória- NEP/UFSM e do Memorial de Imigração e Cultura Japonesa do RS em Santa Maria.

² Professor Doutor do curso de História da UFSM, coordenador do Núcleo de Estudos do Patrimônio e Memória- NEP/UFSM e presidente do Memorial de Imigração e Cultura Japonesa do RS em Santa Maria.

deste projeto, chamado “Nikeys no Rio Grande do Sul: História e Imigração Japonesa no Brasil Meridional” mostra que há uma oportunidade única nos estados mais meridionais de obter informações sobre os imigrantes em contato direto com suas experiências migratórias, haja vista que os imigrantes dos anos 1950’ e posteriores ainda estão vivos, possibilitando um relato em primeira mão sobre suas experiências e memórias. Ademais, estes imigrantes após a 2ª guerra mundial foram educados pelo sistema educacional instalado após a restauração Meiji (1858-1923) e durante a Era Showa (1923-1945: primeira fase) de cunho nacionalista, militarista e que constituiu o Estado nacional japonês como hoje é conhecido. Dito de outra forma, a percepção de valores e formas de pensar dos imigrantes após a guerra ainda não estavam imbuídos da presença Norte-Americana no arquipélago, e, portanto trazem em suas memórias aspectos do Japão anterior a influência cultural e de costumes que aconteceu após a hecatombe nuclear. Neste sentido, o olhar aprofundado sobre estes imigrantes pode, mesmo que fragmentariamente, recompor os valores sócio-culturais do Japão anterior a guerra.

A partir desta proposta, foi questionado outro aspecto dentro deste tema referente à imigração nipônica: qual o papel da mulher Nikkei³ nesse processo migratório? Como se deu sua permanência, como o seu cotidiano se modificou? Diante das dificuldades da imigração, como língua, religião, alimentação, saúde e choque cultural, a mulher Nikkei foi agente muito importante para a manutenção das tradições num país de cultura tão diferente?

Este artigo justifica-se pelo fato de existirem inúmeras discussões no meio antropológico sobre as relações de gênero, pois gênero faz parte das relações sociais de qualquer cultura humana, principalmente no que se refere às desigualdades existentes entre homens e mulheres. Alguns exemplos da existência dessa disparidade são mostrados em dados estatísticos que apontam para a pequena representação política das mulheres, para seus baixos salários em relação à renda do homem, assim como para a feminilização da pobreza. Além de aspectos econômicos que denunciam a desigualdade de gênero, os índices mostram que existem ainda os danos morais contra a mulher no que diz respeito à violência, seja doméstica ou não. Mesmo após conquistas de direitos, ainda vigoram valores e atitudes discriminatórias,

³ O termo Nikkei refere-se tanto a japoneses quanto a descendentes de japoneses vivendo fora do Japão

como a idéia de submissão mental e corporal da mulher ao homem. (BARSTED, 1995; CABRAL, 1999)

Essa dinâmica da relação entre os gêneros é histórica, existe desde os primórdios da humanidade e se faz presente, senão em todas, na maioria das sociedades, não dependendo da situação econômica do país. O conceito de gênero é uma construção cultural, uma relação social formada pelas diferenças corporais físicas e intelectuais e que faz parte da constituição de uma comunidade. A sociedade impõe à mulher e ao homem certos comportamentos e certas normas diferentes. Para as feministas, nada é natural. O instinto materno não é natural, e sim uma imposição social, uma tradição.

No mundo ocidental cristão em que vivemos, temos além da idéia de submissão, alguns outros aspectos que se diferenciam historicamente do mundo oriental, no nosso caso, do Japão. Por muito tempo a mulher foi vista como responsável pela desgraça dos homens, pois ela permitiu a entrada do pecado ao mundo, segundo a tradição apresentada na Bíblia, e por isso, a mulher foi perseguida, acusada de herege, confinada no seu lar, explorada pelo companheiro, enfim, considerada inferior ao homem. É recente a insurgência de grupos feministas que buscam mudar essa visão, inserindo a mulher na vida pública de forma plena e tentando aplacar as desigualdades antes mencionadas.

E para caracterizar a mulher japonesa na imigração, é necessário primeiro fazer uma análise de como foi a sua história em seus principais momentos dentro da sociedade japonesa. Após, foi feita uma análise de como a mulher Nikkei agiu diante da imigração.

A Mulher Japonesa

No Japão a mulher foi vista de maneiras diferentes ao longo de sua história. A idéia de submissão e fragilidade, a gestualidade que era caracterizada por movimentos contidos envoltos pelo kimono, que definem normalmente a mulher japonesa, foi uma tendência comportamental de certas épocas (SAITO, 2008). No período medieval a mulher era vista primeiramente como a jovem que despertava atração sexual, capaz de gerar filhos. A função procriadora do homem se limitava na hora da concepção, pois era a mulher que concedia seu corpo para o desenvolvimento da criança. Portanto, quando jovem, a mulher era sexualmente ativa, tendo essencialmente a função de procriar. Já quando idosa, por ser sexualmente nula, a mulher passa a ser vista como mãe, tia, monja, e, muitas vezes, encarada de maneira

negativa, acarretando no seu isolamento. A idéia de família nesse momento compreendia apenas a mãe e o filho, pois a figura paterna existia apenas como fecundador. (YOSHIDA, 1994)

Durante o início do período feudal a sociedade era baseada no poder masculino, medido pela força militar e pela extensão das propriedades. Esse é o período dos samurais, onde o marido guerreiro, na maior parte do tempo ausente, concedia à esposa a responsabilidade de administrar importantes deveres domésticos. Ela supervisionava a colheita, atribuía tarefas aos serventes, gerenciava dinheiro. Seus conselhos eram procurados e suas opiniões respeitadas. A ela cabia também a tarefa de educar adequadamente suas crianças, passando-lhes o senso de lealdade, coragem e força física, como um samurai deveria ser. Em época de guerra, a mulher deveria estar pronta para defender seu lar. Esse ideal de mulher guerreira é substituído pela imagem que a descreve atualmente: mulher obediente, controlada e submissa ao homem. Ser respeitosa para com o homem e para com a família e geradora de filhos homens passaram a ser suas mais importantes tarefas. No final da era feudal, a lei do primogênito, que dava aos homens o direito de herança das terras resultou no abandono do direito de herança das mulheres. O budismo e o confucionismo desintegraram a capacidade intelectual da mulher através do ideal de “boa esposa e mãe sábia”, onde a mulher deveria ser devotada exclusivamente ao lar e ao marido (YOSHIDA, 1992).

A Industrialização

Na economia agrícola a mulher tinha forte participação na produção, mas a industrialização confinou a mulher no meio familiar, pois do homem exigiu mais tempo e dedicação, concentrando a maioria das atividades domésticas nas mãos das mulheres. A maioria das mulheres deixa o mercado de trabalho para criar os filhos, o que acaba por inutilizando suas habilidades profissionais. Claro que nas classes mais baixas a mulher continuou sendo ativa nos meios de produção. O confinamento se deu na classe média urbana, onde a mulher era símbolo do status do homem, do seu poder financeiro. Os casamentos e nascimentos que antes não eram oficializados, com a influência ocidental passam a ser registrados. A escolha do parceiro ou parceira que antes era feita livremente, agora é função da família e o casamento se torna instrumento para a continuidade da descendência através da maternidade. Nesse contexto, a idéia de “boa esposa e mãe sábia” é fortalecida (FUJINO, 2002). A mulher se torna responsável pela educação e vestuário dos filhos, saúde, alimentação, da administração do orçamento familiar e se encarrega da totalidade das tarefas

domésticas. Nesse contexto começa a ser muito valorizada a educação escolar aos filhos, devido a influencia ocidental. Às mulheres cabe dedicar-se as artes domésticas, como o arranjo de flores, conhecido como Ikebana, a cerimônia do chá, a confecção do kimono, a música e a dança tradicionais. Portanto, a própria sociedade associa as mulheres a essa função doméstica e os homens, à vida pública, que traz sustento financeiro ao lar, excluindo as mulheres do mundo do trabalho assalariado (HIRATA, 2010).

Tânia Nomura (1990, p. 15) diz que o mito da mulher japonesa, de modos gentis e solícitos, se mistura com a idéia que se tem de uma gueixa, mas que na realidade a figura da mãe tem grande importância na cultura japonesa. Ser uma mulher casada pressupõe vida interior, ela é o âmago da estrutura de um lar.

A Mulher Nikkei

No relato de uma das imigrantes, a Sra. T. Y. demonstra a tristeza em deixar o Japão durante sua adolescência, as dificuldades durante a viagem, assim como a criação de uma escola para as crianças no navio, evidenciando a preocupação com a educação, característica dos japoneses. Chegando ao Brasil, mesmo jovem, a imigrante teve de trabalhar pesado junto aos pais no campo e não teve oportunidade de continuar os estudos. Mudando de cidade e chegando à Santa Maria, como relatado anteriormente, com apoio de muitas pessoas, a família passou a trabalhar no comércio e prosperou, sempre com muito esforço e empenho tanto da esposa, como do marido. Deram boa educação aos filhos, como tanto desejavam. Essa imigrante é um dos vários exemplos de como se modificou seu cotidiano aqui no Brasil. Os cuidados da casa ficaram com sua sogra, e ela foi trabalhar junto com seu marido. Mas esta foi uma exceção, geralmente ficariam sogra e nora juntamente cuidando da casa.

Quanto aos costumes, as mulheres imigrantes permanecem seguindo as tradições as quais foram criadas e trouxeram consigo para o país que as receberam. Segundo Nomura,

Nos primeiros tempos, as imigrantes continuaram aqui o estilo de vida das camponesas do Japão Feudal, trabalhando no campo e ainda tendo que reunir forças para cuidar dos filhos e da casa. Fiéis a ética comportamental do Japão, elas sempre assumiram os ideais dos pais e maridos como seus, mesmo no caso de terem uma profissão, como parteira ou professora. Foi graças ao seu apoio firme e persistente por trás dos bastidores que a comunidade Nikkei pôde se desenvolver enormemente no Brasil, confirmando a importância da força interior profunda da mulher, que embora anonimamente, contribuiu para tecer e

consolidar o espírito e fibra das novas gerações. (NOMURA, 1990, p. 18)

Em primeiro lugar, as imigrantes vieram para o Brasil seguindo seus familiares ou maridos. Outras mulheres imigraram com casamentos arranjados e não conheciam seus noivos – eram os chamados casamentos por fotografias, onde eram trocadas fotos entre o Brasil e o Japão e o casamento era negociado por intermediários. As jovens destinadas a esse tipo de casamento não tinham escolha e deviam seguir o desígnio da família. O homem continuou sendo agente dominante e superior na esfera pública, pois estes estão acostumados a serem servidos pelas mulheres. (BIRELLO; LESSA, 2008). Mas as mulheres na imigração tiveram de exercer uma dupla jornada: de doméstica e agricultora, juntamente com seus pais ou maridos, por causa da situação precária em que se encontravam as famílias imigrantes. Após a desilusão no campo, os japoneses foram tentar a vida na cidade, e lá passaram a trabalhar no comércio, seja com hortifrutigranjeiros, floriculturas ou mercearias. As mulheres permaneceram dando suporte técnico aos maridos e quando a situação financeira melhorou, as mulheres Nikkei passaram a se dedicar somente ao lar, à caridade e à hospitalidade. Passam a ter a função de manter a ordem na casa enquanto os maridos estavam no campo, além de ensinar a tradição japonesa para os filhos e manter os costumes no meio familiar, como a cerimônia do chá, o arranjo de flores, a culinária, a religião e a língua. A língua japonesa foi ensinada antes do português como uma forma de manter a cultura oriental. (NOMURA, 1990)

No relato de H. N., ela fala de outro aspecto que se atribui à mulher Nikkei, o da realização de apresentações em ocasiões especiais. Uma delas era a Feira da Amizade, onde várias etnias apresentavam sua cultura. A Tenda do Japão oferecia pratos e danças típicas e as japonesas recebiam o público vestidas a caráter, de quimono. Os jornais da época ressaltam o brilhantismo desse evento, pois as mulheres Nikkei dedicavam-se com afinco na ornamentação e realização da Feira da Amizade. As gincanas, chamadas de *Undokai*, que aconteciam uma vez por ano, eram organizadas pela Associação Nipo-Brasileira, que, com seus grupos etários, delegava a organização do evento a várias pessoas, entre elas estão as mulheres Nikkei. A Sra. T. K. relembra com carinho desses momentos de descontração, dizendo que, “(...) era o dia que vinham os parentes tudo de longe. Era o dia que vinham os amigos de longe (...)” Havia brincadeiras, karaokê e danças. O *Undokai* se extinguiu, segundo a Sra.

M. N., por causa do movimento *dekassegui*⁴ e também porque a mentalidade dos jovens de hoje se modificou (SOUZA, 2008). Em seu relato, ela diz o seguinte:

“Preservamos ao longo dos 50 anos. Somos muito unidos em relação a outras localidades. Antigamente realizávamos Gincana esportiva (*undokai*) e Festival de artes cênicas (*Engeikai*). Depois que iniciou o movimento Dekassegui, a comunidade dispersou, principalmente porque o chefe de família se tornou ausente”.

O *Undokai*, segundo o relato de T. K. acontecia nas escolas no Japão, assim como outros eventos. Aqui no Brasil se reuniu todos em uma única ocasião, pois no *Undokai* se celebravam o Dia dos Meninos e das Meninas, assim como outras datas especiais. Conta das celebrações que aconteciam nos clubes de Santa Maria e das danças que ensaiavam para essas ocasiões. Nesta entrevista, a Sra. T. K. relata que as tradições, como a alimentação típica e as danças, são aprendidas em casa, ressaltando o que já foi dito anteriormente que a cultura é mantida e ensinada dentro de casa, principalmente pelas mulheres. A ela foi possível estudar em uma escola regular e se integrar com a comunidade. Ela lembra do batismo em massa convertendo os imigrantes ao catolicismo para melhor se integrarem com a sociedade.

Quanto à educação dos filhos, que fica sob encargo da mãe, há diferenciações entre as alternativas concedidas a filhos e filhas. As filhas possuem mais limitações – podem estudar em outra cidade, desde que fique sob os cuidados de parentes. Isto mostra apenas uma continuidade do que as mães mesmo passaram, pois tudo o que lhes era permitido fazer ou se movimentar seja de uma cidade a outra, ou de um país a outro, ela deveria fazê-lo sob a égide da família. O casamento entre brasileiros e japoneses era totalmente proibido pelas famílias japonesas. (WOORTMANN, 1995)

As mulheres jovens freqüentavam escolas de formação feminina, quando lhes era disponibilizado, pois havia a preocupação dos pais de as tornarem esposas e mães segundo a ética japonesa. Nestes locais aprendiam corte, costura, culinária, cuidados com a estética, saúde, dança, caligrafia japonesa, tudo o que era considerado necessário para uma mulher aprender em fase casadoira com a finalidade de se tornar uma boa esposa e dona-de-casa. As mulheres possuíam também reuniões, os *fujinkais*, onde se encontravam para discutir questões

⁴ Dekassegui, literalmente, é o trabalhador que sai de sua região. O termo pode ser utilizado dentro do Japão para os trabalhadores que saem de sua cidade, como aqueles que saem do país em trabalho temporário.

domésticas, educação dos filhos, dicas de saúde. Nesses momentos também lembravam de sua terra natal, e compartilhavam suas dificuldades. Outra característica que se delega a mulher japonesa, é que, quando esta deixou o campo para o marido a sustentar totalmente, ela passou a trabalhar com a caridade. Os japoneses são também conhecidos por sua hospitalidade, e cabia á mulher receber em casa os parentes ou amigos próximos para morarem por qualquer motivo diverso, seja para estudar ou trabalhar. (NOMURA, 1990).

A mulher Nikkei tem grande importância para a adaptação de sua família no Brasil, assim como todos da comunidade nipônica. Cada um exerceu sua função de acordo com seus costumes e tradições. Os japoneses que aqui se encontram não existem no Japão, pois no Brasil é possível ver que os costumes de mais de meio século ainda persistem nas famílias nipônicas e um exemplo disso é que o marido e os filhos esperam ser servidos pela mulher e isso não é questionado. Mas, uma das maiores conquistas para os japoneses foi a ascensão social obtida para seus filhos e filhas, através do ingresso ao ensino superior (CARDOSO, 1998).

Referências

BARSTED, L. L. **Gênero e desigualdades**. PNUD/ONU, 1995.

BIRELLO, V. B.; LESSA, P. **A imigração japonesa do passado e a imigração inversa, questão gênero e gerações na economia**. Divers@ Revista Eletrônica Interdisc., Matinhos, v. 1, n. 1, p. 68-82, jul./dez. 2008

CABRAL, F. DIAZ, M. **Relações de gênero**; cadernos afetividade e sexualidade na educação: um novo olhar. Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte; Fundação Odebrecht. Belo Horizonte: Gráfica Editora Rona Ltda. p. 142-150, 1999.

CARDOSO, R. C. L.; NINOMIYA, M. (Org.). **Estrutura Familiar e Mobilidade Social**: estudo dos japoneses no Estado de São Paulo. 2. edição trilingue português-inglês-japonês. São Paulo: Kaleidos-Primus Consultoria e Comunicação Integrada S/C Ltda., 1998.

FUJINO, Y. **O corpo feminino descoberto**; análise da sereia de Takeuchi Keishû no contexto editorial da Era Meiji. Estudos Japoneses, n. 22, p. 103-111. São Paulo, 2002.

HIRATA, H. **Trabalho, família e relações homem/mulher**: reflexões a partir do caso japonês. Revista Brasileira de Ciências Sociais. Fevereiro de 2010.

NOMURA, T. **Universo em segredo, a mulher Nikkei no Brasil**. São Paulo: The Fact, 1990.

SAITO, C. **A Cultura Japonesa entre o kimono e o gesto no corpo feminino Japonês**. Revista de Estudos Universitários, Sorocaba, SP, v.34, n.2, p. 27-38, dez. 2008.

SILVA, V. F. **Mangá feminino, Revolução Francesa e feminismo**: um olhar sobre a Rosa de Versalhes. História, imagem e narrativas. n. 5, ano 3, setembro/2007.

SOARES, A. L. R.; GAUDIOSO, T. K.; MORALES, N. R. C.; SOUZA, C. S. de. **50 anos de História**: Imigração Japonesa em Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil (1958-2008). Edição bilíngüe português-japonês. Itajaí: Editora Maria do Cais, 2008.

SOUZA, C. S. **Imigração Japonesa em Santa Maria**: história, trajetória e integração. 2008, 58 f. Monografia (Graduação em História, Licenciatura e Bacharelado). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2008.

USHIDA, M. A. T. **A imigração Nipônica no Rio Grande do Sul**. Monografia de conclusão de curso de Ciências Sociais, Departamento de Ciências Sociais, PUCRS, Porto Alegre, dezembro de 1999.

WOORTMANN, E. F. **Japoneses no Brasil/brasileiros no Japão**: tradição e modernidade. Brasília, 1995. p. 1-20.

YAMAMOTO, L. **Trabalho especializado voltado às mulheres migrantes**: o caso das descendentes de japoneses no Japão. VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Coimbra 16, 17, 18 de setembro de 2004. A questão social no novo milênio.

YOSHIDA, L. N. **A imagem da maternidade em *Konjaku Monogatarishú***. Estudos Japoneses, n. 14, p. 63-72. São Paulo, 1994.

YOSHIDA, L. N. **A personagem feminina de *Konjaku Monogatarishú*** – a juventude e a decrepitude. Estudos Japoneses, n. 12, p. 63-74. São Paulo, 1992.

Home Pages:

MATOS, M. I. Bujinkan Dojo Brasil. **Mulheres da Guerra**. Disponível em:
<<http://www.bujinkandojobrasil.com.br>>. Acesso em 11 de fevereiro de 2010.